

de umas pedras pequenas, aproximadamente do pêso de meio kilo, figuras representando animaes desconhecidos; mais umas estrellas ou cousa parecida; uma outra pedra com tres cabeças que parece serem figuras humanas, etc., — objectos que brevemente serão photographados.

De todos esses dolmens ou antas apenas estão explorados tres, mas em breve vae continuar-se a exploração dos restantes, que se encontram na área de 200 metros quadrados.

Proximo d'esses monumentos existe grande quantidade de sepulturas abertas em rocha, e algumas em fileiras de quatro e mais, mas esse assumpto fica para outro artigo.

Villa Pouca de Aguiar, 1 de Janeiro de 1895.

P.^o RAPHAEL RODRIGUES.

Museu Municipal em Villa-Real (Tras-os-Montes)¹

Ha tempos tive a boa fortuna de fallar aqui em Lisboa com o Sr. Abbade de S. Pedro de Villa-Real, o Rev.^{do} Manuel de Azevedo, e, recaindo a nossa conversa em assumptos de archeologia, chegámos á conclusão de que era não só util, mas facil, fundar nessa villa um museu archeologico.

A utilidade de tal museu não se torna necessario demonstra-la. Tão intuitivo é que o homem, para ter plena consciencia de si, precisa de conhecer o seu passado!

A archeologia é auxilio indispensavel da historia, ministrando-lhe meios de comprovação directa de muitos factos; é manancial inexgotavel para o artista; e é tambem meio de recreação do espirito, que, pela contemplação de objectos pertencentes a tempos e gerações que se extinguiram, evoca a vida antiga, acompanhada de seus usos, crenças e trabalhos. E em todo o caso ha sempre consolo em conhecer os laços que nos prendem ao passado, e em avaliar os

¹ Este artigo escrevi-o para ser publicado em jornaes de Villa-Real; e effectivamente o foi n-*O Villarealense*, n.º 17 e 18 (Junho de 1894), e na *Gazeta de Villa Real*, n.º 18, de 19 de Maio de 1894.

esforços e as lutas dos nossos maiores na indefinida e escabrosa via do progresso.

Segundo as informações que recebi do Sr. Abbade Manuel de Azevedo, os estudos archeologicos são actualmente já prezados em Villa-Real, pois não só elle possui moedas romanas achadas por ahi, moedas portuguezas e diversas antiguidades, mas ha outros individuos que estão nas mesmas condições: assim o Sr. Dr. Henrique Botelho e o Sr. Dr. Sarmiento possuem ambos tambem collecções de numismatica e varios objectos antigos, como machados prehistoricos, pesos romanos, etc.

Se a isto se acrescentar que o termo de Villa-Real abunda em reliquias dos tempos passados, ver-se-ha que eu tinha razão para dizer a cima que a criação de um museu de archeologia local era cousa facil.

Entre as diferentes estações archaicas que ha pelos arredores de Villa-Real, notarei por exemplo, Rodêllo, na freguesia de Torgueda, onde se tem encontrado telhas romanas (de rebordo, ou *tegulas*; e curvas, ou *imbrices*). A tudo porém o que actualmente se pudesse citar levaria a palma a célebre Panoias.

Desde o seculo XVIII, pelo menos, que Panoias é conhecida. O antiquario Contador de Argote, no seu livro *Memorias do Arcebispo de Braga*, t. I, Lisboa 1732, pag. 325, fallando de uma cidade antiga naquelle local, diz: «Prova-se a sua existencia, primeiramente dos vestigios, que actualmente ali se vêem de povoação romana, que consistem em varias paredes e muralhas, que representam ser de entulho de edificios, e ha tradição que a pedra d'elles se conduziu para fabricar os muros de Villa-Real, de que dista sómente tres quartos de legua para a parte do oriente, pendendo para o norte, e quotidianamente os lavradores, quando áram, arrancam pedras lavradas, frisos de diferentes feitios, como tambem telhas, tijolos e telhões, tudo de barro mui fino, e encarnado, que não ha por aquellas partes, e nas paredes da egreja e casas se acham incorporados nellas capiteis, bases, pedaços de columnas redondas, frisos, canos, e outras muitas obras, tudo de marmore bem lavrado, e columnas de jaspe, e pedra-grãa miuda, e muito fina; e nas casas da residencia do reitor d'aquella egreja se acham mettidas nas paredes pedras com letreiros, e pela forma com que estão sentadas mostram que foram alli postas para fazer corpo de parede, e não em razão dos letreiros, o que tudo é prova evidente de povoação romana, juntamente com outras antiguidades romanas, que ali existem».

Um pouco adeante, pag. 328, continua Argote: «Porém as principaes antiguidades, e mais curiosas, que existem da sobredita cidade,

são umas fragas, com suas caixas abertas ao picão, de varias fórmãs, e pelos letreiros se conhece claramente serem obra de gentilidade romana; das quaes fragas agora relataremos com miudeza as circumstancias, tresladando fielmente as relações exactas e punctuaes, que a Camara de Villa-Real, e o parcho de Val-de-Nogueiras mandaram á Academia Real, por ordem de Sua Magestade».

E baseado nestas informações dá Argote preciosas noticias acompanhadas de estampas: vid. desde pag. 328 até pag. 359.

Sobre Panoias já ha uma pequena litteratura; a fim de não alongar este artigo com muitas citações, remetto o leitor para o *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II, publicado pelo Sr. dr. Emilio Huebner, sabio professor allemão, a quem a nossa archeologia deve relevantissimos serviços. Vid. na referida obra os §§ 2395 e 2396.

Eu estive em Panoias em 1888, e tive occasião de verificar que muito do que Argote diz no seculo passado se póde dizer ainda hoje. Lá estão as *fragas* coalhadas de inscrições, que bem precisam de ser methodicamente estudadas; lá encontrei eu muitos fragmentos de tegulas, uma moeda romana, e mesmo uma inscrição latina, que publiquei na *Revista Archeologica*, vol. II, pag. 50 e 69.

A Ex.^{ma} Camara de Villa-Real, com o mesmo patriotismo com que a sua antecessora do seculo XVIII enviou a Argote uma *Relação de Villa-Real e seu termo*, que o referido antiquario, como vimos, elogia, podia sem despesa, ou quasi sem ella, aproveitar os muitos elementos archeologicos que existem na região villarealense, e constituir com elles, desde já, numa sala dos paços do concelho, o nucleo de um museu. Creado este, e radicado o gôsto, não faltariam depois pessoas intelligentes e dedicadas, que fossem continuamente ministrando mais elementos.

Para se fazer um museu archeologico não é indispensavel obter grandes obras de arte, que deslumbrem quem as vir: ás vezes um simples caco tem mais importancia que um objecto muito bonito.

Com moedas antigas, fragmentos de ceramica romana, pedras esculpturadas (brasões, etc.), e mais uma infinidade de cousas, que ora se acham pelos campos, ora a curiosidade tem já guardadas em casa, organiza-se, acto contínuo, o principio de um museu.

Haverá mesmo muitas pessoas que, sem quererem desfazer-se do que possuem, depositem porém os seus objectos, o que tudo enriquece o museu, dando-lhe importancia.

Entendo eu, no emtanto, que, chegado a constituir-se um museu, não devia este limitar-se exclusivamente á archeologia. Um museu local não ha de ser apenas para curiosidade, mas tambem para estudo.

Ora em todas as terras ha sempre muitos elementos, já de archeologia, já de outra especie, os quaes, sem chamarem demasiadamente a attenção das pessoas de lá, por estarem habituadas a ve-los, e lhes parecerem por isso banaes, tem comtudo muito interesse para os forasteiros, e em geral para os estudiosos.

Quem conhece o nosso país sabe que, de provincia para provincia, e ás vezes mesmo de povoação para povoação ou de concelho para concelho, assim como variam as paisagens e varia o solo e as produções da terra, tambem variam os homens, e com elles as linguagens, os costumes, os trajos, os usos. Ninguem confundirá as margens do Corgo, que corre por valles profundissimos, com as margens do Lima, que se espraia manso e sereno, a través de prados verdejantes em muitos pontos. Ninguem confundirá o mirandês, orgulhoso na sua *capa de honras*, com o alemtejano envolto na *manta* listrada. Os instrumentos de lavoura offerecem tambem a cada passo particularidades: a *trilha* trasmontana e o *jugo* minhoto, cheio de ornatos, são curiosidades muito notaveis, uma e outra reveladoras de alta antiguidade. E as mesmas differenças eu poderia ir assignalando, se da ethnographia passasse para a anthropologia e para a historia natural. No sul vêem-se poucas vezes as caras rósadas da gente do Minho, e nesta provincia não se encontram talvez com tanta frequencia os typos de estatura alta que se encontram, por exemplo, no Alemtejo. Na Beira abundam os granitos, que escasseiam na Extremadura, e aqui não se podem contemplar os majestosos castanheiros que constituem uma das belezas das paisagens trasmontanas e beirãs.

Muitas d'estas particularidades é difficil ás vezes estudá-las, posto que isso seja necessario, para nos conhecermos, pois todos devemos ter presente o dito do philosopho: *nosce te ipsum*. Os museus locaes, em que se agrupem elementos de ethnographia, de archeologia, de historia natural e de anthropologia, serão extremamente uteis neste sentido. E se, como eu disse a cima, é facil em Villa-Real, como em qualquer terra, fundar um museu de archeologia, não menos facil é fundar outro em qualquer dos ramos scientificos que indiquei.

Tomava eu, pois, a liberdade de propor á Ex.^{ma} Camara villarealense a criação, desde já, de um museu local, que poderia denominar-se *Museu Municipal*, composto das seguintes secções:

I—*Secção de archeologia*, comprehendendo antiguidades prehistoricas, como machados de pedra e de metal, vasos, contas; numismatica, ou collecção de moedas e medalhas; esculpturas, como brasões de pedra, columnas, figuras; inscripções latinas e portuguezas; ceramica e vidros; objectos de ourivezaria, etc., etc.

II—*Secção de ethnographia moderna*, comprehendendo tambem *artes e industrias* do concelho. Nesta secção accommodar-se-hião, por exemplo: instrumentos de lavoura; trajos caracteristicos (a *palhoça*, os sócos ou tamancos, que são cousa pouco usada no sul, etc.); instrumentos musicos do campo (o *pifaro*, as castanhetas); apparatus de caça e de pesca (polvorinhos enfeitados, redes, cacifros); objectos de uso domestico, como o *escano*, leitos, cadeiras,—o que tudo ás vezes reveste fórmas especiaes; modelos ou desenhos de teares, de lareiras, de fornos, de chaminés. Ha muita differença de chaminés pelo nosso país, o que denota diversidade de gôsto e de uso: no Algarve, por exemplo, as chaminés brancas de cal, affectando muitas fórmas, são de grande belleza. Com relação ás artes e industrias, podem agrupar-se ferragens caracteristicas, louças, rendas, objectos de madeira ou canna, como rocas (que em alguns pontos de Trás-os-Montes são muito artisticas), colheres, etc.

III—*Secção de anthropologia*. Aqui podem agrupar-se cranios, que a cada passo se encontram nos campos e se podem extrahir dos cemiterios antigos; e com os cranios deve collocar-se tambem, quando isso for possivel, o resto do esqueleto. Podem agrupar-se collecções de cabelo, que constituem sempre elemento de estudo anthropologico. Podem archivar-se photographias, medidas, etc.; e mesmo, offerecendo-se occasião, productos teratologicos (monstruosidades) e pathologicos interessantes.—Esta secção podia ficar em particular a cargo dos medicos da localidade.

IV—*Secção de historia natural*. Não falta igualmente com que preencher esta secção: variedades de rochas e de mineraes, animaes embalsamados, productos agricolas, amostras de madeiras, etc.

D'esta rapida enumeração, que faço de fugida, vê-se que se póde desde já, com elementos que estão á porta, organizar um museu muito interessante, embora modesto. Em todas as terras ha pessoas que tem gôsto já por um, já por outro dos assumptos indicados. Com boa vontade, e amor da patria e da sciencia, tudo se consegue.

Quem quizer recorrer a alguns livros elementares especiaes para se orientar melhor ou radicar mais o gôsto, póde tambem faze-lo sem grande custo.

Para a secção de archeologia lembrarei o *Dictionnaire des antiquités romaines et grecques* de A. Rich (ornado de muitas estampas); o *Manual de numismatica* de Barthélemy (da collecção de Roret). No nosso proprio país ha alguns opusculos na collecção da *Bibliotheca do povo e das escolas*.—Lembro só estes, por serem obras baratas, mas estou pronto a dar, sobre bibliographia portuguesa, informações

completas, ou quasi completas, e sobre bibliographia estrangeira informações mais desenvolvidas do que as que dei.

Para a secção de ethnographia lembrarei o 1.º fasciculo da *Revista de Ethnologia* do Sr. Adolpho Coelho. Mas tambem neste ponto eu posso dar informações mais circumstanciadas a quem as desejar.

Para a secção de anthropologia lembrarei as *Instrucções* de Broca, que são um livrinho pequeno e de agradável leitura, e lembrarei ainda a *Géographie médicale* de Bordier, outro livro de commodo manuseamento.

Para a secção de historia natural occorre-me citar o livrinho de Capsus, *Guide du naturaliste préparateur* (Paris, Baillièrre et fils), e os trabalhos do Sr. Eduardo de Sequeira, do Porto.

*

À primeira vista parecerá acaso que um museu nas condições apontadas é cousa superflua, inexequivel, ou mesmo estranha.

Nada d'isso. Superflua não é, porque, como ponderei ha pouco, nós precisamos de conhecer-nos, e não será conhecido o conjuncto do país sem primeiro se proceder, deixem-me dizer assim, a arrolamentos locais. O homem que não conhece a sua historia e o meio em que vive, é um ser sem ideal, sem destino; vive apenas como o porco: dorme e come. Mas o homem deve ser mais alguma cousa do que isto.

Inexequivel tambem não é, porque basta pôr o pé fóra da porta para encontrar em abundancia materiaes que preencham as secções que apontei.

Estranha não é igualmente, porque não só nos países civilizados a existencia de museus d'esta natureza é cousa corrente e vulgar, mas mesmo no nosso já ha bastantes assim. Muitas camaras e corporações, conscias da nobre missão civilizadora, que podem desempenhar, os tem criado. No Porto ha um museu municipal, posto que não esteja á altura da cidade. Em Guimarães a sociedade Martins Sarmiento possui um dos mais interessantes museus do nosso país. Em Beja a Camara Municipal possui outro nas mesmas condições. Ha dois museus em Coimbra (do Instituto e do Bispo), e ha museus municipaes em Santarem, em Elvas, em Extremôz, no Redondo, etc.; em Faro ha o Museu «Infante D. Henrique», e a Camara de Lagos está tambem organizando um. Em Évora ha o Museu «Cenaculo», fundado pelo venerando arcebispo d'este nome. A Figueira da Foz possui tambem um importantissimo museu municipal, devido á iniciativa do Sr. Dr. Santos Rocha.

Neste sentido, como se vê, o Sul está mais adeantado que o Norte, onde, com excepção do museu de Guimarães, que é devido á iniciativa particular, e o do Porto, que tambem foi fundado por um particular, não sei da existencia de nenhum museu publico. Creio que o municipio de Lamego possui um, do mesmo modo devido á influencia de um amator local, mas não posso a este respeito dar informações exactas.

A Ex.^{ma} Camara de Villa-Real, criando um museu municipal, tal como me atrevi a lembrá-lo, prestará ao país um importante serviço. Sei que nisso será secundada por pessoas illustradas da villa, e é de esperar tambem que a imprensa local defenda e propague a ideia.

Lisboa, 6 de Maio de 1894.

J. L. DE V.

Monumento do deus Endovellico

Na collecção archeologica da Bibliotheca Nacional de Lisboa ha, entre outros monumentos do deus Endovellico, um bastante notavel, que aqui represento em duas figuras, visto pelos seus quatro lados.

É de marmore. Altura maxima 1^m,09; largura do corpo do monumento 0^m,48; espessura do mesmo corpo 0^m,33.

A parte superior do monumento está quebrada, mas vê-se ainda parte de um buraco redondo. O monumento servia de pedestal a uma estátua, ou do deus, ou, mais provavelmente, do dedicante.

Numa das faces principaes está a seguinte inscripção:

DEO
 ENDOVELLICO
 SACRVM
 ▲M▲FANNIVS
 AVGVRIVVS
 MERITO▲HVNc
 DEVM▲SIBI
 PROPITIATVM¹

¹ As palavras, em cada linha, estão separadas por pontos triangulares. No principio da 4.^a linha ha um ponto, facto de que se conhecem outros exemplos, o que prova que se havia perdido a noção do valor da pontuação: vid. R. Cagnat, *Cours d'épigraphie latine*, 2.^a ed., pag. 29. A ultima letra da 6.^a linha falta, por estar falhada a pedra neste sitio. Por isso a restituo.